

ENTREVISTA COM JOSEPH FRANK

Giuliana Teixeira de Almeida

No dia 10 de outubro de 2012, saí apressada do labiríntico prédio Dwinelle Hall, na Universidade de Berkeley, rumo à estação da Shattuck Avenue e, após duas horas transcorridas entre o Bart, o Caltrain e mais um ônibus local, adentrei a alameda das palmeiras que corta o grandioso campus de Stanford, em Palo Alto. Tinha um compromisso agendado para as 3 horas da tarde e fui comer qualquer coisa para passar o tempo, já que eu estava adiantada. O belo céu azul, tão característico do norte da Califórnia, e os jardins impecáveis do campus da universidade não foram suficientes para capturar a minha atenção, pois eu só pensava no que me aguardava: a entrevista com Joseph Frank. Afinal, ele era a causa daquilo tudo. Há exatos 2 anos e 3 meses eu vinha me debruçando sobre a monumental biografia em cinco volumes do escritor russo Fiódor Dostoiévski, que eu optara por analisar como tema de mestrado¹. O estágio de pesquisa nos Estados Unidos – financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP) –, que naquela ocasião já adentrava o quinto mês, também havia sido delineado para

que eu me aproximasse mais ainda daquela grande obra e de tudo o que a envolvia: a eslavística norte-americana e sua recepção no ambiente acadêmico dos EUA. E, em alguns minutos, eu estaria frente a frente com Joseph Frank, o próprio!

Cheguei à residência dos Frank e a reconheci de imediato por causa do elevador para cadeira de rodas na entrada. Eu já sabia por meio de Elif Batuman (a autora do engraçadíssimo livro “Os Possessos”)² que o meu entrevistado necessitava desse recurso para se locomover. Fui recebida pela simpática Marguerite, esposa de Frank, e aceitei um pedaço de torta de frutas vermelhas com cidra (hábitos franceses, provavelmente cultivados por Marguerite) enquanto aguardava o biógrafo de Dostoiévski. Sorridente, Frank adentrou o recinto e se prontificou de bom grado a responder as minhas perguntas. A comunicação foi um tanto truncada, pois Frank não me escutava bem e eu, por causa do nervosismo e da minha indefectível timidez, não conseguia falar em voz alta. Marguerite foi fundamental como intérprete das minhas questões e como tradutora simultânea do meu inglês carregado de sotaque para o inglês na entonação sob medida para os ouvidos de Frank.

Impressionou-me a boa memória do biógrafo de Dostoiévski, que na ocasião já havia completado 94 anos. Ao final da entrevista, entabulamos uma conversa sobre os intelectuais brasileiros e ele puxou da memória o nome Schwarz (o

Roberto), que ele havia conhecido há muitos anos em um seminário numa universidade norte-americana. Também se recordou de uma novela brasileira que havia assistido em Portugal, que tratava de um conflito envolvendo pescadores e que o impressionara por causa do pendor esquerdista da trama — essa, por sua vez, eu não consegui identificar, pois acredito que se tratasse de uma novela da década de 1970 ou 1980, portanto muito distante de alguém que, como eu, tinha 25 anos em 2012.

Agradei ao casal e me despedi, carregando no meu tablet a entrevista que pode ter sido uma das últimas concedidas pelo intelectual norte-americano, pois Frank faleceu poucos meses depois, em fevereiro de 2013. Se não foi a última, foi sem dúvida a última coletada por uma brasileira, que, lutando contra a insegurança e o nervosismo, ficou durante um par de horas inesquecíveis frente a frente com o “senhor Dostoiévski”.

Giuliana Almeida (G. A.) — *Você leu muitas biografias sobre a vida de Dostoiévski antes de escrever a sua própria, como podemos ver nas suas citações: Mochulsky, Orest Miller e Strakovǎ, só para mencionar alguns nomes. Eu gostaria de saber se você também leu antes de escrever sua obra um pouco de crítica e teoria do gênero biográfico.*

Joseph Frank (J. F.) — Não, eu realmente não li. Eu não comecei pela crítica de outras biografias, eu estava interessado

em Dostoiévski, esta era a minha grande preocupação, portanto eu me interessei por qualquer um que tivesse escrito sobre Dostoiévski, mas não pelo problema da biografia em si mesma.

G. A. — *A ausência de discussão crítica sobre a biografia tem relação com a complexidade e a dificuldade intrínseca ao gênero: é um gênero na encruzilhada entre as ciências humanas e a literatura; o biógrafo tem uma importância crucial, pois ele está, fundamentalmente, interferindo através da seleção e organização do material coletado; o envolvimento do biógrafo com o sujeito biografado, que necessariamente se dá em certa medida, é uma ameaça constante ao compromisso com a objetividade etc. Quais foram os desafios que esse gênero espinhoso colocou para o senhor?*

J. F. — Bom, o mais importante para mim foi que... eu não quis fazer a biografia tão pessoal, eu não quis me preocupar com a sua vida pessoal... o que eu fiz em relação à sua vida pessoal: eu incluí na minha biografia, mas o que para mim foi mais instigante foi que eu me interessei pela história da cultura latino-americana em relação à biografia de Dostoiévski, e eu encontrei algumas pessoas, eu encontrei Alejo Carpentier que escreveu sobre isso, eu encontrei outros escritores, outros escritores latino-americanos que também se debruçaram sobre Dostoiévski, e eu me preocupei com ele [Dostoiévski] através daquele ponto de vista.

Marguerite Frank (M. F.) — Carlos Fuentes.

J. F. — Sim, Carlos Fuentes, que realmente se mobilizou

pela publicação dos meus livros pela *Fondo de Cultura Económica*.

G. A. — *Eu li muitas resenhas sobre a sua biografia e vi que seus colegas ressaltam que o senhor é um humanista “raro”, que sempre considera cuidadosamente o ponto de vista do outro. Eu acredito que essas características influenciaram positivamente os excelentes resultados que o senhor atingiu na sua biografia, uma vez que se trata de um gênero que não depende apenas de trabalho intelectual, mas também de sensibilidade e empatia. Qual é a sua opinião sobre isso?*

J. F. — Eu concordo completamente com isso. Com certeza a biografia não é apenas sobre formação intelectual, mas também sobre personalidade, apesar de que eu penso que personalidade – essa é a minha opinião – tem sido exagerada na literatura sobre Dostoiévski, então eu a coloquei como pano de fundo do meu próprio trabalho, ao invés de focá-la como o ponto de partida, o começo de tudo.

M. F. — Não em psicologia, mas no contexto cultural.

J. F. — No contexto cultural, sim.

G. A. — *Eu li muitas entrevistas sobre o seu trabalho e alguns especialistas afirmam que em partes da sua biografia o senhor “pode ter se equivocado para o lado da generosidade” (GLEASON, 1996, p. 325)⁴, que o senhor “não consegue se desvencilhar da sua simpatia por seu biografado enquanto pessoa e pensador” (ROSENSHIELD, 2006, p. 305)⁵. Como você responderia a essas observações?*

J. F. — Bom, a razão para isso é que... me parece que a visão

de Dostoiévski, na crítica europeia e ocidental de forma geral, como se pode ver, tende atualmente, após todos o terem exaltado no começo, a encará-lo agora como se ele tivesse esgotado a simpatia de todos, e muitas pessoas hoje o criticam duramente por seus pontos de vista.

M. F. — Por causa da sua ideologia.

J. F. — Sim.

G. A. — *Como todos nós sabemos, Dostoiévski foi um pensador complexo. Um bom exemplo é o seu antissemitismo feroz. Relacionado a isso, um crítico escreveu que “olhar para a vida através da obra pode (ainda que não necessariamente) acabar por investir a vida não somente com a lógica, mas com as qualidades enobrecedoras da obra — outra forma de ‘normalização’ que nega sem confrontar o argumento [...] que precisamente porque o pensamento de Dostoiévski era emocional e mitológico, o que gerou a grande arte pode perfeitamente ter sido vulgar e chauvinista no contexto da expressão não artística” (FANGER, 1985, p. 331)⁶. O que você responderia a esses críticos que pensam que você não foi longe o bastante na exposição das controversas ideias políticas do escritor russo, elevando o homem Dostoiévski ao mesmo nível do artista Dostoiévski?*

J. F. — Ele próprio sempre foi muito preocupado com a relação do que ele escreveu [o homem Dostoiévski] com o trabalho do autor [o artista Dostoiévski] e eu tentei recuperar isso no que escrevi sobre o assunto nos meus livros. Penso que eu tentei olhar para o trabalho em relação à vida da forma como eu disse anteriormente, acredito que

eu consegui me diferenciar da estreiteza de outros críticos, que analisaram o trabalho de Dostoiévski relacionando-o exclusivamente à sua vida.

G. A. — *Você estava dialogando com os eslavistas ou com os críticos norte-americanos da metade do século XX preocupados em definir o cânone literário moderno a partir do estudo dos grandes romances de Dostoiévski e Tolstói (por exemplo: Lionel Trilling, Irving Howe, R. P. Blackmur, Edmund Wilson, René Welleck)?*

J. F. — Sim, eu fiz isso em alguns casos, sim, eu não dei uma resposta geral, mas muitas vezes eu mencionei algumas ideias de determinado crítico e tentei respondê-las ou rejeitá-las... Eu tentei aproveitá-las com vistas à melhor forma de explicar o trabalho quando as mencionei, então para dar um exemplo escolherei Blackmure, que era meu amigo. Eu concordo com muito do que ele escreveu no início da sua carreira, mas depois, no final da vida, ele escreveu coisas com as quais eu não concordei, então eu o critiquei.

M. F. — Os escritos dele sobre Dostoiévski, certo?

J. F. — Sim, ele escreveu alguns artigos. Os primeiros artigos que ele escreveu foram muito bons e ele criou uma nova linha interpretativa na crítica norte-americana especializada em Dostoiévski, mas depois ele mudou de ideia e eu não concordei com o que ele publicou.

M. F. — Sua preocupação eram os críticos contemporâneos, os críticos europeus ou os eslavistas?

J. F. — Minha preocupação eram os críticos contemporâneos,

sendo que a maioria deles não dominava o russo, então isso causou sérios problemas para eles, e uma das razões que me fizeram aprender o russo foi para evitar certos erros nos quais eu penso que outros críticos incorreram pela insuficiência de informação sobre o contexto cultural russo e a língua russa, principalmente porque, se você interpreta uma passagem que foi originalmente escrita em russo, você precisa saber exatamente o que cada palavra significa e como as frases foram construídas, e eu me voltei para isso cedo, recorrentemente, e pude perceber que é o caso que você realmente precisa saber sobre o que eles estavam falando em russo se você pretende entender as opiniões que eles expuseram, certo?

M. F. — Claro, também o contexto russo.

J. F. — Sim, o contexto russo.

G. A. — *No seu terceiro volume, Os Efeitos da Libertação, analisando as notas de Dostoiévski que começam com a pergunta “Eu vou algum dia ver Macha novamente?”⁸, você assinalou que nesse documento constam as ideias de Dostoiévski sobre imortalidade, a centralidade de Cristo e o significado da vida. Mas quando você descreve como ele chegou a essas conclusões, parece que se tratou antes do resultado de um processo intelectual e racional do que de uma profissão de fé, apesar de o próprio Dostoiévski ter reiterado o poder da fé sobre a razão. Então, eu gostaria de saber o seguinte: na sua opinião, o quanto Dostoiévski estava convencido sobre as suas próprias crenças religiosas, que ele procurava reafirmar o tempo todo? Em outras palavras, é possível*

dizer que Dostoiévski não estava 100% certo de suas próprias ideias?

J. F. — Bom, ele pensou muito sobre isso, e minha conclusão é... o que eu coloquei, o que eu escrevi, o que acredito que fiz, foi que ele estava sempre se debatendo com o problema da imortalidade e da existência ou não de Deus, e ele estava sempre enfrentando a questão, ele nunca realmente convenceu a si mesmo de qualquer resposta, não é possível encontrar alguma resposta nos seus próprios escritos íntimos, mas às vezes, nos seus escritos para o público, ele afirma a existência de Deus e a forma como isso determina tudo mais que acontece no mundo, é uma das questões da sua obra que eu penso que nunca foi solucionada.

G. A. — *Para terminar, eu gostaria de ressaltar que a sua biografia é muito admirada no Brasil e que todos os cinco volumes foram traduzidos para o português pela Editora da Universidade de São Paulo (Edusp). Você tem algum palpito sobre o porquê dessa recepção tão favorável em um país como o Brasil?*

M. F. — Porque é ótima! [Risos]

J. F. — Bom, por uma razão... eu penso que foi muito bem escrita [risos]. Outra coisa, eu penso que eu abordei as questões principais que preocupam a todos os que leem Dostoiévski e tentei tomar uma posição que, se por um lado não pode reconciliar todas as opiniões sobre ele, por outro ao menos deu reconhecimento a muitas opiniões, e nas quais ele próprio [Dostoiévski] se reconhecia, ele nunca foi um escritor simples, sempre foi muito difícil desvendar os seus

pensamentos em geral, suas posições acerca de questões metafísicas, filosóficas etc. E essa é a maneira que eu encontrei para responder ao que você me perguntou.

NOTAS

1 A dissertação de mestrado intitulada “Pelo Prisma Biográfico: Joseph Frank e Dostoiévski” já se encontra disponível no banco de teses da Universidade de São Paulo.

2 BATUMAN, ELIF, *Os Possessos*, São Paulo: Leya, 2012.

3 Kostantin Mochulsky (grafia em inglês) é autor da importante biografia “Dostoevsky, His Life and Work”, escrita durante o período soviético; Orest Miller e Nikolai Strákhov são os autores da primeira biografia de Dostoiévski, que foi publicada em 1883 com autorização da família do escritor.

4 Abbott Gleason, *The Russian Review*, vol. 55, n. 2, Apr. 1996, p. 325-326

5 Gary Rosenshield, *The Russian Review*, vol. 65, n. 2, Apr. 2006, p. 304-305

6 Donald Fanger, *The Russian Review*, vol. 44, n. 3, Jul. 1985, p. 331-333

7 A principal agenda da crítica norte-americana da metade do século XX consistia na definição do cânone literário moderno. Na busca pelos traços do modernismo, muitos se depararam com os grandes romances russos do século XIX (“*Tolstoevsky*”) e os identificaram como obras canônicas. Estas, no entanto, foram lidas na chave do modernismo europeu e as suas especificidades russas foram praticamente ignoradas. Críticos como Lionel Trilling, Irving Howe, R. P. Blackmur analisaram as obras dos romancistas russos independentemente da literatura produzida pelos eslavistas, algum deles inclusive (Trilling e Blackmur) se debruçaram sobre esses romances sem o domínio da língua russa.

8 FRANK, Joseph, *Dostoiévski: Os Efeitos da Libertação 1860-1865*. São Paulo: Edusp, 2002 p. 410